



**Pedro Pinto**

***Alberto Caeiro***

**PEDRO PINTO N.º18 – 12ºA**

# **ALBERTO CAEIRO**

**P o r t u g u ê s B**

Docente: Maria Sameiro

Escola Secundária Padre António Martins Oliveira de Lagoa

---

07/01/2005



Na capa: *Pintura sobre Fernando Pessoa, de Marie-Jeanne Falguier (1990).*

## Índice

Introdução .....	4
Os Heterónimos .....	5
Heteronímia .....	5
Génese dos Heterónimos .....	6
(Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis) .....	6
Alberto Caeiro .....	6
Ricardo Reis .....	7
Álvaro de Campos .....	7
Alberto Caeiro .....	8
Conclusão .....	11
Bibliografia .....	12
Anexo I: Sensacionismo .....	14
Anexo II: Poemas d' <i>O Guardador de Rebanhos</i> .....	15
Anexo III: <i>Poemas Inconjuntos</i> .....	18

## Introdução

Ao ser-me solicitado, no âmbito da disciplina de Português B, um trabalho sobre a heteronímia pessoana, aprofundando um dos heterónimos (escolhi Alberto Caeiro), procurei recolher a informação necessária que me permitisse a realização deste trabalho. Utilizei como fontes de pesquisa diversos livros sobre a História de Portugal, Enciclopédias, Dicionários de Literatura, de forma a encontrar uma relação entre os temas em estudo.

Para uma melhor compreensão, dividi-o por tópicos de forma a facilitar não só a leitura como a compreensão dos temas.

Este trabalho para além de desenvolver capacidades ao nível da pesquisa, organização, tratamento e gestão de informação. O conhecimento da génese dos heterónimos. Promoveu o conhecimento dum heterónimo representativo da tradição literária de Fernando Pessoa, assim como a emissão de juízos de valor sobre o heterónimo trabalhado (Alberto Caeiro).

O presente estudo aprofundou os meus conhecimentos sobre a grande obra que Fernando Pessoa nos deixou. É o primeiro poeta português a figurar na Bibliothèque de la Pléiade, figurando, agora, a sua poesia a par das maiores obras do património literário francês e universal.

O poeta que lhe foi recusado o lugar de bibliotecário em vida, por falta de habilitações literárias, foi admitido postumamente como director da Biblioteca do Museu Condes de Castro Guimarães em Cascais no dia 1 de Dezembro de 2000 *“Tudo vale a pena se a alma não é pequena”*...

## Os Heterónimos

### Heteronímia

A heteronímia que a imaginação de Fernando Pessoa concebeu, ou seja, o poeta divide-se em poetas, cada um com uma personalidade e uma obra própria. Enquanto o pseudónimo é um nome falso (pseudo), o heterónimo é mais complexo, porque implica a invenção de uma biografia para um novo poeta, com um estilo e uma visão do mundo específica.

"...Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram (...). Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irrealis que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida-real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar." (*in Carta (13/01/1935) de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro*).

Os heterónimos poderiam ser autênticas máscaras<sup>1</sup>. Escondido atrás delas, o poeta ocultava a sua personalidade para revelar aspectos múltiplos da realidade. A consequência disso é que Fernando Pessoa passou a vida a criar heterónimos. Além dos mais conhecidos, que são Alberto Caeiro<sup>2</sup>, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, ainda se



*Imagem 1 – Pintura de Fernando Gaspar sobre Fernando Pessoa.*

<sup>1</sup> Curiosidade, o sobrenome do poeta vem da palavra latina *persōna*, que também significa “máscara”.

<sup>2</sup> O poema que se encontra no Anexo III explica muito bem a maneira de ser de Caiero.

salientam Bernardo Soares, Alexander Search (que só escrevia em inglês), Vicente Guedes, António Mora, entre outros.

## Génese dos Heterónimos

(Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis)

### *Alberto Caeiro*

“Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 –, acerquei-me duma cómoda alta e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. Abri o título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome Alberto Caeiro.”

(in Carta (13/01/1935) de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro).

Caeiro (1889-1915) é o Mestre, inclusive do próprio Pessoa ortónimo. Nasceu em Lisboa e aí morreu, tuberculoso, em 1915, embora a maior parte da sua vida tenha decorrido numa quinta no Ribatejo, onde foram escritos quase todos os seus poemas, os do livro *O Guardador de Rebanhos*, os de *O Pastor Amoroso* e os *Poemas Incojuntos*, sendo os do último período da sua vida escritos em Lisboa, quando se encontrava já gravemente doente (daí, segundo Pessoa, a “novidade um pouco estranha ao carácter geral da obra”). Sem profissão e pouco instruído (teria apenas a instrução primária), e, por isso, “escrevendo mal o português”, órfão desde muito cedo, vivia de pequenos rendimentos, com uma tia-avó. Caeiro era, segundo ele próprio, “o único poeta da Natureza”, procurando viver a exterioridade das sensações e recusando a metafísica, caracterizando-se pelo seu panteísmo<sup>3</sup> e sensacionismo<sup>4</sup> que, de modo diferente, Álvaro de Campos e Ricardo Reis iriam assimilar.



**Imagem 2** – Fernando Pessoa heterónimo (autor desconhecido).

---

<sup>3</sup> Tendência para considerar a natureza como um ser divino, dotado de uma unidade vital e dinâmica.

<sup>4</sup> Doutrina filosófica segundo a qual todo o conhecimento provém das sensações, ver anexo I.

## **Ricardo Reis**

“Aí por volta de 1912, salvo erro (...), veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (...), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo (...), um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis.) (...).” (in Carta (13/01/1935) de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro).

Ricardo Reis nasceu no Porto, em 1887. Foi educado num colégio de jesuítas, recebeu uma educação clássica (latina) e estudou, por vontade própria, o helenismo (sendo Horácio o seu modelo literário). Essa formação clássica reflecte-se, quer a nível formal (odes à maneira clássica), quer a nível dos temas por si tratados e da própria linguagem utilizada, com um purismo que Pessoa considerava exagerado. Médico, não exercia, no entanto, a profissão. De convicções monárquicas, emigrou para o Brasil após a implantação da República. Pagão intelectual, lúcido e consciente, reflectia uma moral estóico-epicurista, misto de altivez resignada e gozo dos prazeres que o não comprometessem na sua liberdade interior e que é a resposta possível do homem à dureza ou ao desprezo dos deuses e à efemeridade da vida.

## **Álvaro de Campos**

“Num jacto, e à máquina de escrever sem interrupções nem emendas, surgiu a *Ode Triunfal* de Álvaro de Campos – a ode com esse nome e o homem com o nome que tem” (in Carta (13/01/1935) de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro).

Álvaro de Campos, nascido em Tavira em 1890, era um homem viajado. Depois de uma educação vulgar de liceu formou-se em engenharia mecânica e naval na Escócia e, numas férias, fez a viagem ao Oriente, de que resultou o poema *Opiário*. Viveu depois em Lisboa, sem exercer a sua profissão. Dedicou-se à literatura, intervindo em polémicas



**Imagem 3** – Álvaro de Campos, pormenor do mural de Almada Negreiros na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1958).

literárias e políticas. É da sua autoria o *Ultimatum*, publicado no *Portugal Futurista*, manifesto contra os literatos instalados da época. Apesar dos pontos de contacto entre ambos, travou com Pessoa ortónimo uma polémica aberta. Protótipo do vanguardismo modernista, é o cantor da energia bruta e da velocidade, da vertigem agressiva do progresso, de que a *Ode Triunfal* é um dos melhores exemplos, evoluindo depois no sentido de um tédio, de um desencanto e de um cansaço da vida, progressivos e auto-irónicos.

## Alberto Caeiro

Alberto Caeiro é o mais impessoal dos heterónimos. Segundo Pessoa, a obra de Caeiro é a que é portadora de mais sinceridade. Usa o versilibrismo, uma linguagem com marcas acentuadas da oralidade, com interrogações retóricas, cambiando o pensamento abstracto com a realidade.

Caeiro é o realista por instinto, aquele que mergulha na Natureza, agrada mais o polissíndeto e busca elementos que facilitem o seu sentido visualista, com uma linguagem pouco arquitectada. Caeiro rejeita o intelectualismo: “Mas quem me mandou a mim querer perceber?” XXII<sup>5</sup>.

Segundo ele, “a poesia para ser poesia, não simulação literária, tem de começar por ser a expressão sincera de estados de espírito sinceros, não a tradução em verso de preconceitos filosóficos ou literários”. Daí que, em *Poemas Inconjuntos*, afirmando a sua sinceridade como poeta, nos diga: “Não basta abrir a janela / Para ver os campos e o rio. / Não é bastante não ser cego / Para ver as árvores e as flores. / É preciso também não ser filosofia nenhuma. / Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.”



**Imagem 4** – Alberto Caeiro – pormenor do mural da Faculdade de Letras de Lisboa, por Almada Negreiros (1957-61).

<sup>5</sup> Ver anexo II.

O binómio sentir / pensar não se detecta visivelmente em Caeiro. É que, para ele, “Pensar é estar doente”, a ele basta-lhe sentir. Nos *Poemas Inconjuntos* Caeiro marca o contraste entre o místico que “em tudo um sentido velado” e ele que por “ter olhos só para ver”, vê “ausência de significação em todas as cousas; / Vejo-o e amo-me, porque ser uma cousa é não significar nada”. *O Guardador de Rebanhos* é o Pessoa positivista.

Caeiro é o “único poeta da Natureza”, para ele a sensação é tudo. O Mestre só vê a “sensação das coisas tais como são”, os seus sentidos estão em actividade: vista, ouvido, tacto – VIII.

O bucólico Caeiro surge como consequência da leitura de Cesário Verde “até lhe arderam os olhos”, com a sua objectividade. No sentimento naturalista, segundo o próprio Pessoa, Caeiro aproxima-se de Teixeira de Pascoais a rejeitar qualquer forma de misticismo: “O meu misticismo é não querer saber. / É viver e não pensar nisso.” Ele não sabe “o que é a Natureza”: canta-a, porque, para saber o que é, tem de pensar e ele não adere a qualquer forma de metafísica: “Há metafísica bastante em não pensar em nada / ... / O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério! / O único mistério é o haver quem pense no mistério. / ... / Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores? / ... / “Constituição íntima das coisas” ... / “Sentido íntimo do Universo” ... / Tudo é falso, tudo isto não quer dizer nada. É incrível que se possa pensar em coisas dessas.” A objectividade plena e a superlativa simplicidade são o que de mais original nos oferece a poesia do Mestre. Se o pensamento está em acção, é para conotar a sensação. Os órgãos dos sentidos são canalizadores de toda a capacidade de captação: “... a nossa única riqueza é ver” (VII<sup>6</sup>); “vi como um danado”.



**Imagem 5** – “Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!” – Alberto Caeiro (autor desconhecido).

“O meu olhar é nítido como um girassol / ... / Creio no mundo como num malmequer, / Porque o vejo. Mas não penso nele / Porque pensar é não compreender ... / ... / Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...”. “Eu nem sequer sou poeta: vejo”. Por isso também, ou quando fala dos pastores de Virgílio, ou quando fala de si próprio, faz a apologia do

<sup>6</sup> Ver anexo II.

contacto com a Natureza, lamentando o pobre Cesário Verde, um camponês “Que andava preso em liberdade pela cidade” que era forçado a olhar subjectivamente para as casas e ruas como se olhasse para árvores e flores.

Caeiro, sente a efemeridade do tempo, quando, personificando o engenheiro, deseja ser o pó da estrada, os rios que correm, os choupos da margem do rio, o burro do moleiro é na antevisão do que é o sofrimento de quem “atravessa a vida / Olhando para trás de si e tenho pena...”. Mas Caeiro procura sentir, não pensar, todo voltado para um mundo real.

Tal realização poética, carregada de objectividade, transmite-se numa linguagem fortemente denotativa, antipoética. Por isso ironiza os “... poetas são artistas / E trabalham nos versos / como um carpinteiro nas tábuas!” (XXXVI<sup>7</sup>) e declara no poema XIV<sup>7</sup> “Não me importo com as rimas. ... / ... / Penso e escrevo como as flores têm cor”; pois “ser poeta não é uma ambição minha. / É a minha maneira de estar sozinho.” (I). E diz em XXXVI “... a única casa artística é a terra todo”.

---

<sup>7</sup> Ver anexo II.

## Conclusão

Considero que o desdobramento em heterónimos de Fernando Pessoa não é mais do que um artifício para exprimir as dilacerantes contradições humanas, agudizadas num intelectual com uma formação cultural nova na nossa sensibilidade. E daí se poder sempre reconhecer, mais ou menos facilmente, por trás de cada máscara, uma ou mais feições do mesmo rosto: o de Fernando Pessoa.

Dos diversos heterónimos criados por Pessoa, destacaram-se três: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro e Campos. Os três surgem por imperativos da vontade de Pessoa que neles se transmuda, quer para exprimir a sua posição antimetafísica na objectividade e paganismo de Caeiro, quer para traduzir no epicurismo clássico de Reis – a



*Imagem 6 – Pintura de Luísa Caetano sobre os heterónimos.*

maneira de enganar o poeta consciente da inutilidade do esforço do homem, quer para se entregar à orgia do Sensacionismo, uma vez reconhecida a dolorosa verdade que é o mistério da vida.

Ao observar a poesia de Caeiro, quer em *Guardador de Rebanhos*, quer em *Poemas Inconjuntos* é, pois evidente a espontaneidade, a simplicidade da sua poesia tão próxima da prosa, com uma linguagem, predominantemente referencial, vulgar, descolorida, toda orientada para o elogio do real, do objectivo, criticando, até, aqueles que fazem poesia trabalhada, pensada.

A simplicidade de Caeiro, surge, talvez, como uma reacção ao poeta intelectual; por isso é o poeta que menos nos transmite a personalidade de Pessoa. Essa simplicidade pode dever-se à falta de instrução, que fez dele um homem sem cultura, com uma visão ingénua, instintiva, gostosamente entregue à infinita variedade do espectáculo das sensações. E talvez, por rejeitar o pensamento fez dele um homem sem religião.

## Bibliografia

- Breve História da Literatura Portuguesa – Autores: Vida e Obra*, Lisboa, Texto Editora, 1.<sup>a</sup> ed., 1999, pp. 193-196.
- CABRAL, Avelino Soares – *Fernando Pessoa e Heterónimos*, Lisboa, Sebenta, 1.<sup>a</sup> ed., 2002, pp. 15-31.
- CAEIRO, Alberto – *Poemas*, Lisboa, Colecção Poesia – Edições Ática, 7.<sup>a</sup> ed., 1979, pp. 11-18.
- CAEIRO, Alberto – *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, ed. de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, 2001, pp.
- CAMPOS, Álvaro – *Poesias*, Lisboa, Edições Ática, 1978, pp. 13-15.
- CARRIÇO, Lilaz – *Literatura Prática II*, Porto, Porto Editora, 1.<sup>a</sup> ed., 1999, pp. 390-453.
- COELHO, Jacinto do Prado – *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa, Editorial Verbo, pp. 23-69.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa – II Volume*, Lisboa, Editorial Verbo, 1.<sup>a</sup> ed., 2001, pp. 2501-2502.
- Diciopédia 2004 (DVD)*, Porto, Porto Editora, 1.<sup>a</sup> ed., 2003.
- FLÓRIDO, José – *Fernando Pessoa – Mensagem*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1.<sup>a</sup> ed., 1989, pp. 23-40.
- GRIMBERG, Carl – *História Universal 16*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1.<sup>a</sup> ed., 1940, pp. 236-237.
- LABOURDETTE, Jean-François – *História de Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1.<sup>a</sup> ed., 2001, pp. 534, 539-540.
- MACHADO, Álvaro Manuel – *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença, 1.<sup>a</sup> ed., 1996, pp. 376-379, 517-519 e 526-528.
- MOREIRA, Vasco; PIMENTA, Hilário – *Dimensão Comunicativa – Português B – 12.º Ano*, Porto, Porto Editora, 1.<sup>a</sup> ed., 2003, pp. 55-68.
- O Século XX Português – Épocas Históricas e Cronologia*, Lisboa, Texto Editora, 1.<sup>a</sup> ed., 2000, pp. 50-51.
- PEREIRA, António Manuel – *Do Marquês de Pombal ao Dr. Salazar*, Porto, Livraria Simões Lopes, 1.<sup>a</sup> ed., 1978, pp. 203-255.

- PEREIRA, José Carlos Seabra – *História Crítica da Literatura Portuguesa – Do Fim-de-século ao Modernismo*, Lisboa, Editorial Verbo, 1.<sup>a</sup> ed., 1995, pp. 453-454.
- PESSOA, Fernando – *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Lisboa, Edições Ática, ed. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, 1966, pp. 93-110, 327 -382.
- Portugal – *Um Século de Imagens*, Lisboa, Diário de Notícias, 1.<sup>a</sup> ed., 1999, pp. 35-37, 40-42 e 47.
- QUADROS, António – *Obra Poética de Fernando Pessoa*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2.<sup>a</sup> ed., 1998, pp. 17-91, 147-173, 177 e 179-197.
- RAMOS, P. Ferreira – *As Principais Datas da História de Portugal*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1.<sup>a</sup> ed., 1992, pp. 90.
- REIS, António – *Portugal Contemporâneo – Volume II*, Lisboa, Publicações Alfa, 1.<sup>a</sup> ed., 1996, pp. 253-580
- REIS, Ricardo – *Odes*, Lisboa, Coleção Poesia – Edições Ática, 1.<sup>a</sup> ed., 1994, pp. 193.
- RODRIGUES, António Simões – *História de Portugal em Datas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1.<sup>a</sup> ed., 1994, pp. 276.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 17.<sup>a</sup> ed., 2001, pp. 993-1003 e 1011-1018.
- SARAIVA, José Hermano – *História de Portugal – Volume VIII*, Matosinhos, Edição e Conteúdos, 1.<sup>a</sup> ed., 2004, pp. 76-77.
- SARAIVA, José Hermano – *História de Portugal – Volume XVIII*, Matosinhos, Edição e Conteúdos, 1.<sup>a</sup> ed., 2004, pp. 96-98.
- SARAIVA, José Hermano – *História de Portugal*, Mira-Sintra, Publicações Europa-América, 6.<sup>a</sup> ed., 2001, pp. 489-503.
- SARAIVA, José Hermano – *História Essencial de Portugal – Volume V (DVD)*, Lisboa, Videofono, 1.<sup>a</sup> ed., 2003, Capítulo 8-13.
- SARAIVA, José Hermano – *História Essencial de Portugal – Volume VI (DVD)*, Lisboa, Videofono, 1.<sup>a</sup> ed., 2003, Capítulo 1-5.
- SARAIVA, José Hermano; GUERRA, Maria Luísa – *Diário da História de Portugal*, Madrid, Selecções do Reader's Digest, 1.<sup>a</sup> ed., 1998, pp. 507, 514, 518, 520 e 524.
- TEIXEIRA, Luís Filipe B. – *Fernando Pessoa e O Ideal Neo-Pagão*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1.<sup>a</sup> ed., 1996, pp. 3-11.

## **Anexo I: Sensacionismo**

Pode considerar-se o sensacionismo como uma sub-corrente dentro do Modernismo que se caracteriza, essencialmente, "pela 'exuberância abstracto-concreta das imagens', a 'riqueza de sugestões na associação'das mesmas, a 'profunda intuição metafísica' e a 'associação de ideias desconexas'". Os poetas da "Geração de Orpheu" que aderiram ao sensacionismo substituíram a lírica tradicional pela poesia derivada de uma espécie de mecânica intelectual que não se preocupa com o facto de lhe chamarem "pouco inteligente".

Almada Negreiros foi o poeta que melhor representou o sensacionismo órfico, apelidando-se, ele próprio, de "poeta sensacionista e Narciso do Egipto". O poema "A Cena do Ódio" é o que melhor traduz esta faceta do artista.

*in* [http://www.citi.pt/cultura/temas/frameset\\_sensacionismo.html](http://www.citi.pt/cultura/temas/frameset_sensacionismo.html)

**Anexo II: Poemas d'O Guardador de Rebanhos**

**VII**

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...  
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer  
Porque eu sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena  
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.  
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,  
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,  
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,  
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

**XIV**

Não me importo com as rimas. Raras vezes  
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.  
Penso e escrevo como as flores têm cor  
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me  
Porque me falta a simplicidade divina  
De ser todo só o meu exterior.

Olho e comovo-me,  
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado,  
E a minha poesia é natural como o levantar-se o vento...

**XXII**

Como quem num dia de Verão abre a porta da casa  
E espreita para o calor dos campos com a cara toda,

Às vezes, de repente, bate-me a Natureza de chapa  
Na cara dos meus sentidos,  
E eu fico confuso, perturbado, querendo perceber  
Não sei bem como nem o quê...

Mas quem me mandou a mim querer perceber?  
Quem me disse que havia que perceber?

Quando o Verão me passa pela cara  
A mão leve e quente da sua brisa,  
Só tenho que sentir agrado porque é brisa  
Ou que sentir desagrado porque é quente,  
E de qualquer maneira que eu o sinta,  
Assim, porque assim o sinto, é que é meu dever senti-lo...

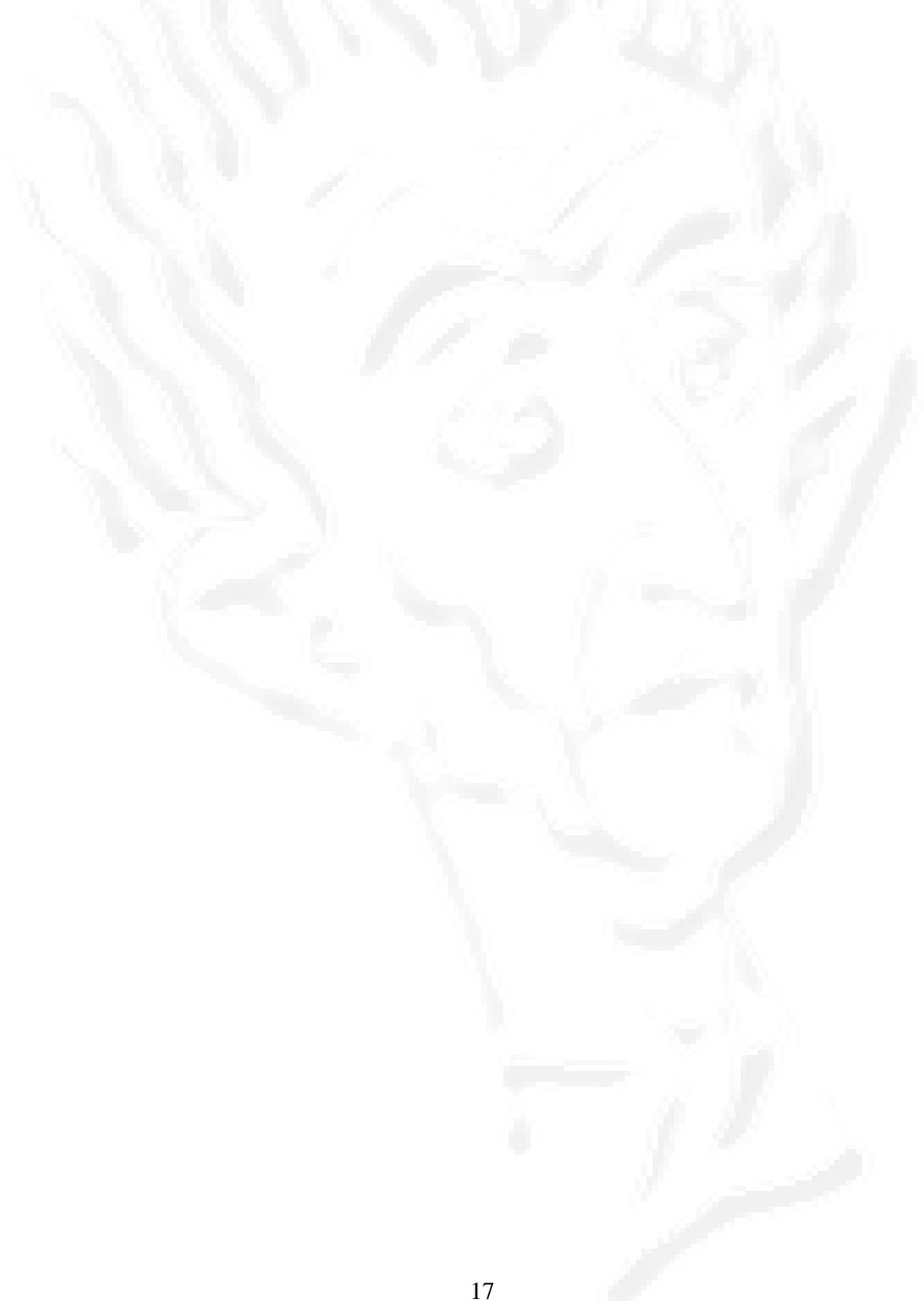
## XXXVI

E há poetas que são artistas  
E trabalham nos seus versos  
Como um carpinteiro nas tábuas!...  
Que triste não saber florir!

Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro  
E ver se está bem, e tirar se não está!...  
Quando a única casa artística é a Terra toda

Que varia e está sempre bem e é sempre a mesma.  
Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem respira,  
E olho para as flores e sorrio...  
Não sei se elas me compreendem  
Nem se eu as compreendo a elas,  
Mas sei que a verdade está nelas e em mim  
E na nossa comum divindade

De nos deixarmos ir e viver pela Terra  
E levar ao colo pelas Estações contentes  
E deixar que o vento cante para adormecermos  
E não termos sonhos no nosso sono.



**Anexo III: Poemas Inconjuntos**

A espantosa realidade das cousas  
É a minha descoberta de todos os dias.  
Cada cousa é o que é,  
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,  
E quanto isso me basta.

Basta existir para se ser completo.

Tenho escrito bastantes poemas.  
Hei-de escrever muitos mais, naturalmente.  
Cada poema meu diz isto,  
E todos os meus poemas são diferentes,  
Porque cada cousa que há é uma maneira de dizer isto.

Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra.  
Não me ponho a pensar se ela sente.  
Não me perco a chamar-lhe minha irmã.  
Mas gosto dela por ela ser uma pedra,  
Gosto dela porque ela não sente nada,  
Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum comigo.

Outras vezes oiço passar o vento,  
E acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.

Eu não sei o que é que os outros pensarão lendo isto;  
Mas acho que isto deve estar bem porque o penso sem estorvo,  
Nem ideia de outras pessoas a ouvir-me pensar;  
Porque o penso sem pensamentos  
Porque o digo como as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta. materialista,

E eu admirei-me, porque não julgava  
Que se me pudesse chamar qualquer cousa.  
Eu nem sequer sou poeta: vejo.  
Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho  
O valor está ali, nos meus versos.  
Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.

CAEIRO, Alberto *in Poemas Inconjuntos* (7-11-1915)